Globethics Repository



A formação ética [Ethical education]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Santos Koerich, Magda;Lorenzini Erdmann, Alacoque;Leyser da Rosa, Vivian
Publisher	Centro Universitário São Camilo
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-04 15:12:02
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/214518

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

A formação ética: desafiando a prática educativa

Ethical education: challenging educative practices
La formación ética: un reto a la práctica educativa

Magda Santos Koerich*
Alacoque Lorenzini Erdmann**
Vivian Leyser da Rosa***

RESUMO: A contemporaneidade ou pós-modernidade se mostra como um tempo de crises e carência de valores nos diversos setores da sociedade. Ao mesmo tempo, a ética, como ciência do agir humano, ressurge em nossos dias como tema privilegiado, na economia, na política, nas profissões, nas pesquisas e, especialmente, nas práticas educativas. As discussões sobre a possibilidade ou não de ensinar ética e a quem cabe esta função são o pano de fundo para as reflexões desse texto. Sem pretender esgotar o assunto, destaca-se a ética como campo de reflexão filosófica e como atividade da prática educativa que acompanha a história do homem ocidental desde a antiguidade. O que se percebe na atualidade é a emergência da ética como uma espécie de "ponte de salvação" do homem frente à crise de valores que caracteriza a sociedade contemporânea (pós-moderna).

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Educação - formação. Prática educativa.

ABSTRACT: The contemporary world, or post-modernity, is a time of crises and values lack in several sectors of the society. At the same time, ethics as a science of human acting revives in our days as a privileged subject, in economy, politics, the professions, research and, specially, in educative practices. The discussions on the possibility of teaching ethics and to whom this function pertains to are the backdrop for the reflections of this text. Without intending to exhaust the subject, there stands out ethics as a field of philosophical reflection and activity of the educative practice that accompanies the history of Western man from the Antiquity. What is realized in the present is the emergence of ethics as a sort of "bridge of salvation" for man before the crisis of values that characterizes contemporary society.

KEYWORDS: Ethics. Education - formation. Educative practice.

RESUMEN: La contemporaneidad o posmodernidad se muestra como un tiempo de crisis y carencia de valores en los diferentes sectores de la sociedad. A la vez, la ética, como ciencia del actuar humano, resurge en nuestros días en cuanto tema privilegiado en la economía, la política, las profesiones, las investigaciones y, en especial, en las prácticas educativas. Las discusiones acerca de la posibilidad o no de enseñar ética y la persona a quien cabe esa función son el telón de fondo para las reflexiones de este texto. Sin pretender agotar el asunto, se destaca la ética como campo de reflexión filosófica y como actividad de la práctica educativa que acompaña la historia del hombre occidental desde la antigüedad. Percibimos hoy la emergencia de la ética en cuanto una especie de "puente de salvación" del hombre delante de la crisis de valores que caracteriza la sociedad contemporánea (posmoderna).

PALABRAS-LLAVE: Ética. Educación - formación. Práctica educativa.

* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de Patologia do Centro de Ciências da Saúde (CCS) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Enfermagem, Quotidiano e Imaginário em Saúde de Santa Catarina (NUPEQUIS-SC) na UFSC. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração de Enfermagem e Saúde (GEPADES) na UFSC. Vice-Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC. E-mail: mskoerich@ccs.ufsc.br

** Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PEN) da UFSC, Brasil. Coordenadora do GEPADES da UFSC. Membro do NUPEQUIS-SC da UFSC. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenadora de área de Enfermagem na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: alacoque@newsite.com.br

*** Bióloga. Doutora em Educação. Professora Associada do Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética do Centro de Ciências Biológicas (CCB) na UFSC e do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica do CCB na UFSC. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPECISC) na UFSC e do Núcleo de Estudos em Ensino de Genética, Biologia e Ciências, na UFSC. E-mail: vivian@ced.ufsc.br

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

JUSTIFICANDO...

As leituras, reflexões e momentos de diálogo compartilhados nos grupos de pesquisa e em sala de aula de graduação e pós-graduação têm sido uma espécie de combustível que mantém aceso e reforça o interesse das autoras pela temática da ética e pelo ensino de ética, tanto nas ciências biológicas quanto nas ciências da saúde.

A partir da leitura de alguns textos de Lilian Valle e Pedro Goergen, ambos filósofos da educação e estudiosos da ética, confirmou-se uma espécie de cumplicidade com esses dois autores, especialmente por compartilharmos da mesma preocupação com as questões da ética e da prática educativa, além de comungarmos de uma mesma dúvida, qual seja: é possível ensinar ética?

Questões relacionadas à ética e ao ensino da ética, interligadas aos espaços educativos ou ao agir dos profissionais da saúde, têm sido fonte de preocupação e constante inquietação das autoras. Este texto não tem a menor pretensão de esgotar o assunto, nem se propõe a aprofundar amplamente a temática; objetiva destacar a ética como campo de reflexão filosófica e como atividade da prática educativa que acompanha a história do ocidente desde a antiguidade e que emerge na atualidade como uma espécie de "ponte de salvação" do homem na sociedade contemporânea (pós-moderna).

Tanto a educação como a reflexão ética apresentam um longo percurso através da história da humanidade, iniciado na Filosofia grega antiga, passando por toda a Idade Média e pelos pensadores da Modernidade, até a contemporaneidade ou período pós-moderno, percebido como ambivalente e contingente. Esse será também o percurso seguido nesse texto, apresentado de forma resumida, com limite no número de páginas e no aprofundamento reflexivo.

Deixamos para os filósofos da educação e especialistas da área o maior aprofundamento do tema, mantendo, propositadamente, as questões sem respostas como forma de provocação ao leitor.

UM CURTO PASSEIO PELA FILOSOFIA, O BERÇO QUE ACOLHE A ÉTICA

Para iniciar a reflexão, tomamos como base uma afirmação, constantemente proferida no ambiente acadêmico, de que a filosofia se revelou um "saber inútil: não serve para nada". Uma inutilidade que "remete à recusa em servir a alguém ou a algo", ou seja, "uma recusa a toda limitação na produção do conhecimento e em sua difusão" (p. 221)[1]. Para a filosofia, o ato de pensar constitui um instrumento de liberdade e de verdade.

Mas apenas pensar e ter ideias não é suficiente. O filósofo é alguém que se interroga sobre o ato de saber, procura responder aos desafios e contradições de sua época e "precisa comunicar o que tenta constituir sob forma de um saber" (p. 218)[1].

O saber trava estreita relação com a liberdade, pois o conhecimento confere aos seus portadores a sensação de liberdade. Platão entendia que o homem nasce na escravidão da ignorância (*agnosis*) e só se torna livre ao se deixar governar pela inteligência (*nous*) e pela razão (*logos*), ao alcançar o conhecimento, ao tomar consciência em relação ao mundo circundante. Dessa forma estará em condições de cultivar a sabedoria e a busca pela verdade e pelo ideal da junção do bem com o belo (*kalogathia*).

Platão era incisivo quando afirmava que o conhecimento do sábio deve ser compartilhado com seus semelhantes, deve estar a serviço da cidade (sociedade). A sabedoria deve ser partilhada. Um filósofo cheio de sabedoria que leva uma existência de eremita de nada serve.

A filosofia é, então, partilha. Uma obstinação em fazer uso do pensamento e oferecer, a quem quiser ouvir, "algo para pensar". O discurso filosófico exige um talento pedagógico, se coloca como uma atividade corporal e prática e exige a exposição de si mesmo como sujeito falante, visível e público[2].

Como discurso público com caráter pedagógico, a filosofia não tem objeto próprio; busca pensar o seu tempo. Como invenção da razão, ela tenta responder perguntas comuns, feitas por pessoas comuns, porém buscando uma argumentação, formulando conceitos, utilizando as "ideias".

Apreender a ideia é compreender/conhecer a essência. Remete ao alcance da sabedoria, ao "sair da caverna", na analogia de Platão. A sabedoria, cultivada pela construção do discurso, torna-se pedagógica. "Pedagogia, etimologicamente, é o caminho que indicamos às crianças, a estrada que lhes mostramos, tomando-as pela mão para conduzi-las da ignorância ao conhecimento". Assim, a filosofia assume a tarefa de conduzir os homens-crianças (apegados apenas às percepções dos sentidos) a tornarem-se homens adultos, sabendo o que é o "ser". Um "saber-

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

-sabedoria que permite ao homem viver como convém a um homem" (p. 39, 46)[3].

Muito mais tarde, já na modernidade, chamada de Idade das Luzes ou Iluminismo na França, ou do Esclarecimento pelos filósofos alemães, caracteriza-se pela decisão de se usar apenas a "luz natural", ou seja, uma oposição à "luz sobrenatural", a toda e qualquer explicação metafísica. Pretende, através dessa luz natural, esclarecer o destino da humanidade e libertar o homem das trevas e da tirania; tirania dos costumes, das instituições arcaicas e dos poderes[3].

Kant pertence a esse movimento e defende a ideia de que o homem pode aperfeiçoar-se. Deixa-se envolver pela ideia de progresso que dominava sua época (século XVIII) e, em uma de suas obras, a Crítica da Razão Prática, ele se preocupa com o problema moral, a conduta, aquilo que ele chama de prática. Prescreve uma moral universal, válida para todos, quaisquer que sejam as circunstâncias. Destaca que o homem tem poder de escolha, tem autonomia. Constitui-se como sujeito livre, que recusa a paixão. Afirma que é somente pelo ato (ação, atitude, conduta) que o homem atinge o absoluto[3].

Considerando esse passeio pelo pensamento de alguns filósofos e pensadores, muito breve em palavras, mas imenso considerando-se o intervalo de tempo, a "liberdade" se destaca como objeto de reflexão comum a todos. Liberdade para fazer escolhas e assumir determinadas condutas como forma de exercício da autonomia.

Assim, surge a ética, a ciência do agir humano, do comportamento, da conduta, para permitir a convivência das múltiplas individualidades e autonomias que constituem a cidade/sociedade.

Em sua significação grega, a palavra *éthos*, da qual originou-se a ética, relaciona-se à conduta, hábito ou comportamento, mas também condensa os sentidos de: morada do homem (*oikos*), seu gênio protetor (*daímon*) regido pelo logos; modo de proceder do homem como dono de seus hábitos adquiridos pela repetição e não regidos pela natureza (*physis*); refere-se, ainda, à liberdade sob a soberania da lei justa. "[...] Para os gregos, o *éthos* teria sido o corpo histórico da liberdade e o bem próprio do homem, o de sua *polis* regido por leis justas, o bem universal e racional" (p. 32)[4].

No latim, o termo grego *éthicos* foi traduzido como *moralis*, reduzindo o termo *éthos* apenas como usos e costumes. Os dois termos têm, portanto, sentidos diferentes, uma vez que a ética tem uma abrangência maior, significa também propriedade do caráter[5]. A reflexão ética interroga sobre o que é a justiça, sobre o que devemos fazer e sobre o que pensamos que é justo fazer[6].

Tais como as questões filosóficas, as reflexões sobre a ética apresentam pontos de vista variados e discussões que perpassam toda a história do mundo ocidental. Desde os gregos, que criaram a ética da racionalidade, passando pelos pensadores medievais, com a ética da santidade, seguindo com os modernos e sua ética da liberdade, até os contemporâneos com a ética do consenso, da reciprocidade e da justiça[7].

A ÉTICA DOS MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS (OU PÓS-MODERNOS?)

Como ciência do agir humano, a ética ressurge em nossos dias como tema privilegiado, na economia, na política, nas profissões, nas pesquisas e, especialmente, nas práticas educativas. Sem aprofundar as razões desse súbito privilegiamento, é possível associá-lo à profunda e radical crise de valores pela qual a sociedade atravessa materializada na pluralidade contextual do mundo contemporâneo – pós-moderno[4,6,8,9,10].

A questão da ética destaca-se, na contemporaneidade, como um assunto de imensa relevância teórica e prática, uma vez que de nossa consciência ética dependerá, em grande medida, o futuro de cada um e de todos. O interesse pelo tema da ética não se restringe apenas aos pensadores da atualidade, mas, especialmente, aos envolvidos e interessados pela prática educativa, sem restringir-se à instituição escolar, uma das faces do processo educativo, mas como responsabilidade da sociedade como um todo.

O ideal iluminista de alcançar a felicidade do ser humano, em pleno uso da razão, por meio da ciência e tecnologia, trouxe não apenas o progresso incontestável, mas também imensas dicotomias individuais e sociais que coabitam lado a lado e que suscitam novas preocupações com temas quase esquecidos, como a vida, a morte, a ética, a estética, a natureza.

Em diversos grupos sociais (mulheres, jovens, cientistas, educadores, grupos religiosos e outros) emerge uma nova consciência. A consciência de pensar a vida como um projeto ainda viável vem colocando a ética como uma preocupação central. "[...] a mudança de mentalidade, o nascer de uma nova consciência precisam ser estimulados

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

através do processo educativo, educação e formação ética", temas que se tocam, necessariamente (p. 9)[9].

A chamada pós-modernidade não apresenta um conceito consensual. Vários autores, desde Nietzsche e Heidegger, vêm discutindo os aspectos problemáticos da tradição moderna. Colocam-se, assim, em um extremo, autores como Lyotard e Baudrillard (pós-modernos), que anunciam o fim da história ou o esgotamento da racionalidade moderna, dos metarrelatos, e, de outro lado, Adorno e Habermas, que seguem defendendo a racionalidade, porém com correções de rota. Com ideias opostas ou que se aproximam, todos concordam com as

> [...] importantes e profundas transformações que estão ocorrendo no mundo contemporâneo que, se não configuram um novo paradigma de racionalidade, representam, contudo, interferências no mundo epistêmico das quais ainda nos é impossível imaginar todas as consequências (p. 35)[9].

Toda essa argumentação filosófica, histórica e epistêmica reflete uma série de inquietações: é possível fixar orientações ou princípios gerais para o agir humano? A ética é um projeto possível de se realizar? Qual ética?

A FORMAÇÃO MORAL E ÉTICA NA PÓS-MODERNIDADE

O campo particular da ética e da moral na atualidade reflete os mesmos posicionamentos mais gerais do campo filosófico apresentados acima, ou seja, há entre os pensadores contemporâneos posições distintas e divergentes ante a questão ética.

> Enquanto uns destacam que a ética reencontrou seu espaço nobre, que está emergindo uma nova cultura marcada pela utopia moral, outros falam em tom alarmista da falência dos valores, do império do individualismo, do fim de toda a moral" (p. 49)[9]. O que se evidencia, no entanto, é a grande centralidade da ética nos vários campos da atividade humana. Fala-se em ética profissional, ética médica, bioética, ética empresarial e cibernÉtica. "A nova centralidade do discurso ético não emerge da necessidade tópica do comportamento individual ou coletivo, mas da necessidade fundamental de estabelecer limites que preservem a vida (p. 50)[9].

A modernidade estabeleceu uma moral com base humana e racional e que afirma os direitos dos indivíduos. A declaração universal dos direitos humanos tem a função básica de regular as relações sociais e encarna o novo valor absoluto dos tempos modernos: o indivíduo, cujo objetivo último é a busca pela felicidade. No entanto, esses direitos, afirmados como inalienáveis, se fizeram acompanhar de uma incondicional obediência ao dever e respeito à autoridade do Estado.

A partir de meados do século XX, o espaço da ordem e da obediência foi sacudido pela revolta contra a submissão ao dever e contra o autoritarismo familiar e institucional. Parece estabelecer-se, assim, um paradoxo, em que a emergência de uma sociedade pós-moralista, contestatória da submissão ao dever, se faz acompanhar do retorno, com força total, da temática da ética no seio da democracia; uma nova ética, que estabelece o cultivo dos valores individuais, dos direitos subjetivos, da qualidade de vida e da realização pessoal, administrando as individualidades no coletivo.

Frente a isso, questiona-se qual seria essa nova ética? Como encontrar as novas formas de limites e normatização de comportamentos, sem recorrer aos princípios anteriores, de modo a viabilizar a convivência humana e sobrevivência da espécie?

Outra questão, não menos importante, que atravessa toda a história ocidental desde a antiguidade, é se a moral (e a ética) pode ou não ser ensinada.

COMO EDUCAR HOJE? O PAPEL DA EDUCAÇÃO FORMAL NO ENSINO DE ÉTICA

A discussão sobre modernidade e pós-modernidade tem importância vital para a educação, uma vez que está intimamente relacionada com os demais campos da atividade humana e passando pela mesma crise que acompanha o período destacado pelos pós-modernos como de morte da razão e fim das metanarrativas. A contemporaneidade mostra um quadro de crise epistêmica, ética e social, em que o modelo educativo precisa reconceituar e reconfigurar o saber escolar.

Estamos vivenciando um período de transformações e mudanças com "evidentes reflexos sobre os valores que orientam a vida individual e as normas que regem a convivência entre as pessoas" (p. 77)[9].

Mediante esse cenário de crise, transformações, mudanças, polêmicas, incertezas e de futuro imprevisível no

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

qual a educação está inserida, busca-se as respostas sobre o que ensinar e como educar. É solicitado da educação que contribua com a superação da crise, com mudanças não apenas nos conteúdos e métodos, mas também e principalmente, por sua tarefa formativa com grande destaque ao papel da escola como espaço educativo de aspectos racionais, éticos e estéticos.

A atividade educacional não se faz individualmente; é obra da comunidade. Cada sociedade se cria, criando valores, normas, costumes, práticas e ideais que a regem e que se tornam um verdadeiro cimento das sociedades[6].

A autora acata uma posição, afirmada desde Aristóteles, de que a formação ética dos cidadãos só pode ocorrer como prática, como socialização dos valores já existentes na sociedade. Porém, aceita, também, a colocação de Platão, retomada na modernidade pelos revolucionários franceses, de que é, ao mesmo tempo, o resultado de um longo processo de aquisição racional.

Entretanto, nossas sociedades modernas transformaram a educação em um dever do Estado, fazendo surgir a escola pública, que não é

> uma espécie de 'realidade natural', mas a criação de um novo modelo de ação pública, que passa a interferir e mesmo a monopolizar atividades que, desde o fim da Antiguidade, passaram a ser entendidas como resolutivamente privadas (p. 192)[6].

Na Modernidade, a educação passa a ser entendida como uma ação especializada e direta, cabendo-lhe também a formação cívica dos indivíduos para a criação de um equilíbrio social em torno de valores de disciplina, ordem e confiança no progresso. Passa a ser, também, atribuição sua a formação profissional, habilitando os cidadãos como trabalhadores eficazes.

A questão da formação ética, porém, permanece em aberto, já que a formação democrática deve apoiar-se na autonomia, uma autonomia que ainda não existe, porque a sociedade é heterônoma, mas também porque é uma impossibilidade "ajudar homens e mulheres a aceder à autonomia, ao mesmo tempo em que absorvem e interiorizam as instituições existentes, ou apesar disto" (p. 193)[6].

> Compete à educação, então, conduzir as jovens gerações no sentido de sensibilizá-las para o problema da ética como fundamento da vida humana na sua relação com a natureza, com os outros seres humanos e consigo mesmas. Mas não é só. É preciso que a educação ajude a formar as competências para que os jovens saibam participar ativamente desse seu processo de formação (p. 81)[9].

Concordo também com o autor quando destaca que, para a formação de um sujeito ético e responsável pelas suas ações, não seria suficiente criar uma nova disciplina, ou tornar a ética um tema transversal dos currículos. É preciso que a escola se mantenha em um ambiente ético, democrático, justo, respeitoso e solidário como um todo. Além disso, é de fundamental importância que a sociedade, em seus diferentes ambientes (família, meios de comunicação e de produção, sistemas político e jurídico, e outros), seja responsável pela formação ética das futuras gerações. É impossível socializar crianças e jovens para valores se estes forem inexistentes na sociedade (p. 6)[9].

> A escola como instituição que se dispõe ajudar os jovens na tarefa de se constituírem como seres humanos não pode ver sua função esgotada na informação. Ela precisa saber educar (*bilden*) e isto significa precisamente ajudar a construir este núcleo personal a partir do qual é possível a cada um ordenar as coisas desordenadas, orientar as suas decisões como indivíduo e cidadão (p. 85)[9].

O ENSINO DE ÉTICA NA UNIVERSIDADE

O ensino superior se apresenta com muitas das características do ensino em outros níveis. No entanto, há uma diferença importante: a figura do professor universitário, que, simultaneamente à sua atuação na docência, exerce atividades como profissional autônomo ou porque antes de ser professor obteve um título universitário e identifica-se muito mais com ele do que com o título de professor.

Identificar-se como professor ou com o título profissional prévio aponta para uma problemática sobre o que é ser professor e sobre as condições do exercício profissional. Na maioria das instituições, espera-se do professor universitário o domínio suficiente dos conhecimentos específicos que o qualifique em pesquisa e/ou no exercício profissional.

> [...] predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

> de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula (p. 37)[11].

O número cada vez maior de cursos universitários exige, também, uma quantidade maior de professores e tem sido motivo de preocupação em vários países, com a formação e o desenvolvimento profissional de docentes para os cursos de graduação, apontando para a importância da preparação não apenas no campo específico, mas, também, no campo pedagógico.

Tanto mais avançam e se criam novas teorias acerca do processo de ensinar e aprender, mais questões se colocam aos atores da prática educativa: qual finalidade de ensinar? Ensinar para quê? Ensinar quem? Ensinar o quê? Ensinar como? São questões que se colocam mediante o período de crise generalizada, característica desses tempos conturbados da contemporaneidade, já apresentados anteriormente e que evidenciam a complexidade que envolve a educação.

> O ensino, fenômeno complexo, enquanto prática social realizada por seres humanos com seres humanos é modificado pela ação e relação destes sujeitos – professores e alunos – historicamente situados, que são, por sua vez, modificados nesse processo (p. 48)[11].

Assim, o ensino, ao ser considerado como uma situação em movimento, bastante diversificada e dependente dos sujeitos, lugares e contextos onde ocorre, permite-nos afirmar que o ensinar constitui-se em prática social. As autoras destacam a profissão docente como uma prática educativa, uma forma de intervir na realidade social mediante a educação, caracterizando-a, então, como prática social. A "prática" acontece nas instituições e está imbricada com a "ação" que se refere aos sujeitos, seus modos de agir e pensar, seus valores, compromissos, suas visões de mundo.

Mediante essa problematização e a associando com as reflexões colocadas anteriormente, permanecem questões que, mesmo não podendo ser respondidas de imediato, não se pode deixar de formulá-las: como se dá o ensino da ética nas instituições de ensino superior? Quais são os pré-requisitos necessários ao professor? É necessário uma disciplina específica para ensinar ética? Se não houver tal disciplina, quem se responsabilizará pela formação ética dos futuros profissionais?

Essas são questões cujas respostas precisam estar amparadas por um processo investigativo e reflexivo sobre a prática educativa, especialmente nas universidades. Sem habilitação nem competências necessárias para oferecer respostas aos leitores, espera-se que tais questões possam também ser preocupações de outros que, como nós, estejam envolvidos com a docência universitária e a formação dos futuros profissionais, jovens cidadãos, colegas de trabalho e membros da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As éticas tradicionais já não mais dão conta das noções de certo e errado; seus fundamentos, com poder vinculante, foram desconstruídos pela racionalidade enquanto, paradoxalmente, buscamos maior consciência ética. Retorna a necessidade do formativo. O educando deverá adquirir os conhecimentos necessários para "vencer na vida", mas também aprender os fundamentos para a convivência inter-humana, familiarizar-se com as tradições, normas e valores veiculadas pela cultura e internalizar os princípios convenientes para a comunidade e para os indivíduos. Para tanto, é necessário que participem ativamente de sua formação.

É esperado que as escolas propiciem a construção e disseminação de valores universalmente desejáveis, tais como a democracia, justiça, solidariedade, generosidade, dignidade, cidadania, igualdade de oportunidades e respeito às diferenças.

No entanto, é necessário abrir os olhos e perceber a grande dificuldade para se instaurar uma educação democrática e igualitária em uma sociedade como a nossa, caracterizada pelo autoritarismo social, além de ser hierárquica e dividida entre os inferiores, que devem obedecer, e os superiores, que devem mandar. Outro aspecto importante que se coloca como um entrave ao ensino da ética é a violência que a caracteriza, com destaque ao racismo, machismo, discriminação religiosa e de classe social, desigualdades econômicas, além das exclusões culturais e políticas, fatores que não permitem alcançar o direito à liberdade e à democracia como garantia de direitos.

Cada vez mais o ensino da ética se mostra como um desafio da prática educativa quanto ao seu papel na formação de cidadãos de direitos, com consciência de seus deveres e em condições de exercer sua autonomia e liberdade.

Revista BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo - 2010;4(4):395-401

A contemporaneidade ou os tempos pós-modernos mostram, ao mesmo tempo, um vazio ético e uma grande necessidade de seu retorno. Importa agora refundar a ética e regenerar sua fontes de responsabilidade e solidariedade, função esperada da educação como uma das instâncias propícias a nutrir o ato moral.

Mais uma vez, retorna-se a questão inicial sobre à possibilidade de ensinar ética, a qual originou as reflexões desse texto e orientou as opiniões e comentários com base em autores que já discutem há mais tempo os problemas éticos.

Colocamo-nos, assim, na condição em que se encontra o homem comum que é também a condição do filósofo, aquele que, por meio da reflexão e do ato de pensar, busca a verdade, questionando as verdades já instituídas, deixando, porém, muito mais dúvidas do que respostas.

REFERÊNCIAS

1. Japiassu H. Interrogando a Filosofia. In: Stein E, Boni LA, organizadores. Dialética e Liberdade. Petrópolis (RJ): Vozes; 1995.
2. Châtelet F. Uma história da razão: entrevistas com Émile Nöel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994. (prefácio)
3. Châtelet F. Uma história da razão: entrevistas com Émile Nöel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.
4. Schramm FR. A Terceira Margem da Saúde: ética natural, complexidade, crise e responsabilidade no saber-fazer sanitário. Brasília: UNB; 1996.
5. Tugendhat E. Lições sobre Ética. 5a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2003.
6. Valle L. Ainda sobre a Formação do Cidadão: é possível ensinar a ética? Educ Soc. 2001;76:175-96.
7. Pegoraro OA. O Lugar da Bioética na História da Ética e o Conceito de Justiça como Cuidado. In: Pessini L, Barchifontaine CP, organizadores. Bioética e Longevidade Humana. São Paulo: Loyola; 2006. p. 47-63.
8. Goergen P. Educação Moral: adestramento ou reflexão comunicativa? Educ Soc. 2001;76:147-74.
9. Goergen P. Pós-Modernidade, Ética e Educação. 2a ed. Campinas (SP): Autores Associados; 2005.
10. Morin E. O Método 6: Ética. 2a ed. Porto Alegre: Sulina; 2005.
11. Pimenta SG, Anastasiou LGC. Docência no Ensino Superior. São Paulo: Cortez; 2002. v. 1.

Recebido em: 28 de julho de 2010.
Aprovado em: 27 de agosto de 2010.